



CALL FOR PAPERS

COMUNICAÇÕES LIVRES

IFHP INTERNATIONAL FEDERATION FOR
HOUSING AND PLANNING
FIHUAT FEDERATION INTERNATIONALE POUR L'HABITATION,
L'URBANISME ET L'AMENAGEMENT DES TERRITOIRES
IVWSR INTERNATIONALER VERBAND FÜR WOHNUNGSWESEN,
STÄDTBAU UND RAUMORDNUNG
FIHUOT FEDERAÇÃO INTERNACIONAL PARA A HABITAÇÃO,
URBANISMO E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

13/09 - 17/09 - 1998
LISBOA - CENTRO CULTURAL DE BELÉM



"O Urbanismo Portátil: O caso das vilas da Galiza"

Gerardo Pereiro Pérez
Universidade Fernando Pessoa

O espaço pode ser entendido desde três pontos de vista⁽¹⁾:

1. O espaço material, físico e topográfico.
2. O espaço social, medido com parâmetros sociais: vizinhança, amizade, parentesco, solidariedade, posição social, actividades económicas etc.
3. O espaço cultural, que é expressado numa visão do mundo colectiva, numa ordenação mental da vida e num mapa cognitivo que cria um sentimento do "nós" e um "ethos" particular.

São estes dois últimos pontos de vista, os que ao antropólogo particularmente lhe interessam. Ao espaço assinala-se funcionalidade, conteúdos axiológicos, e significados, e também é pensado em termos de categorias culturais: em cima/em baixo, limpo/sujo, público/privado, feminino/masculino etc. O espaço é construído pelos grupos humanos a partir dos seus valores culturais e dos seus mapas mentais; o seu significado está interligado com a acção social dos grupos humanos com os quais se vincula, constrói-se com a cultura e constitui um texto simbólico a decifrar. Em resumo o espaço reflecte os processos de organização social e as estruturas culturais dos grupos humanos, daí que deve ser analisado como um elemento com significado e ao mesmo tempo significativo (expressivo da acção social).

No caso que nos ocupa, as "vilas" ou pequenas cidades da Galiza contribuem a superar a velha dicotomia rural-urbano, a polaridade desses dois mundos é encadeada na vila, que em vez de se fragmentar e dividir, participa dos dois na sua natureza heterogénea, em parte rural e em parte urbana. É neste sentido uma realidade dialéctica em desequilíbrio, um estado de tensão de natureza híbrida, um espaço "rururbano". O mundo rural e o mundo urbano são simultâneos e convivem em espaço e tempo, mas nem sempre formam parte do mesmo universo moral e simbólico. A "vila" galega realiza na actualidade uma afirmação de fé urbana, mediante a qual reconhece os valores urbanos como de maior prestígio e em processo de implantação na consciência dos seus habitantes. Neste sentido entender-se a vila como um processo, uma configuração em construção social e cultural.

Na Galiza a vila⁽²⁾ assume o papel de intermediário entre o mundo rural e o mundo urbano, geralmente é a cabeceira duma área rural de habitat disperso (capital municipal normalmente). A sua povoação pode variar entre os 1.000 e os 15.000 habitantes, mas a sua zona de influência pode afectar entre 5.000 e 30.000 habitantes. O seu papel de intermediária entre esses dois mundos dota-a duma vida comercial e administrativa muito intensa que lhe conferem uma especificidade e originalidade cultural. Portanto é preciso falar das vilas da Galiza como umas "novas formas de urbanização" e como o "domínio do urbano" sobre todo o território.

O estudo antropológico das vilas da Galiza é desenvolvido por uma equipa de investigadores orientada pelo Professor Fernández de Rota⁽³⁾. O processo de urbanização do sistema territorial galego foi adoptado e assimilado como estilo de vida ideal desejado pelos galegos, sempre em diálogo com a "tradição" e incorporando valores, práticas e pautas culturais que mantenham a imagem de permanência desde o passado.

O sistema mundial mantém uma tensão entre a homogeneidade e a heterogeneidade. O difusionismo radical mantém o ponto de vista pelo qual o "centro" (cultura dominante) pratica um radical trânsito global na cultura, cara a periferia, em termos de educação, mass média, mobilidade, tecnologia, etc. Desde este ponto de vista a periferia estaria condenada a desaparecer em termos de cultura diferente. Mas esta perspectiva é muito questionável, pois se algo desaparece, desaparece a relação, e a realidade é um sentido de interacção entre culturas. Não há interacção se uma parte está presente e a outra ausente. Os antropólogos estudam muito bem a perspectiva do local, mas se os antropólogos centrarmos as nossas investigações na relação entre o local e o global, mais que no ponto de vista da periferia, chegar-se-ia a uma melhor compreensão dos sistemas mais amplos. Ulf Hannerz denominou a isto macroantropologia⁽⁴⁾.

Entre o local e o global há um hibridismo pelo qual as pessoas que vivem no local modificam os significados e as formas simbólicas do global, essas vivências conformam uma experiência que faz ao local diferente.

Na Galiza é possível pensar "a aldeia", "a vila" e "a cidade" como categorias identitárias interrelacionadas. Mas estes três âmbitos são desde o ponto de vista cultural categorias morais. A aldeia e a vila são dois modos de vida que mutuamente se menosprezam, mas que ao mesmo tempo, e paradoxalmente, se necessitam. A vila e a cidade são dois âmbitos namorados. Por um lado, o modo de vida urbano deixou de ter como contexto espacial único a cidade, por outro esse modo de vida urbano estendeu-se pelo território global, e na Galiza a vila abandona esse processo de urbanização sociocultural, ainda que reconhece a assimetria a respeito da cidade, cara a qual mira como modo de vida ideal.

O processo de urbanização que experimenta Galiza intensivamente desde os anos 60 do s. XX não é uma simples questão de morfologia física como costumam a dizer os geógrafos, porém é uma

tradução cultural de pautas e valores urbanos em jogo criativo com pautas "rurais" mantidas na memória social colectiva. O valor da educação, da nova tecnologia, do consumo, do tempo de lazer, da moda, da higiene, da privacidade, do associacionismo, etc. são entendidos baixo o prisma da modernidade urbana, único caminho que assegura a reprodução da própria vila segundo a perspectiva dos "vilegos".

Estes e outros valores assimilados pelos vilegos entram em um jogo criativo com outros valores próprios mantidos no local: o valor dos produtos locais (queijo, hortalizas-espáço da horta, enchidos das matanças,...) e a comensalidade em grupo (família, amigos,...) junto com o estabelecimento de vínculos identitários com a família extensa através do reparto desses produtos locais, reafirma-se assim o valor da família "souche" que na actualidade não tem porque residir baixo o mesmo telhado. Outros exemplos importantes são a conservação do clientelismo, a conservação da terra e o nicho mortuário, etc.

Sinteticamente os modelos teóricos empregados para explicar a urbanização dos espaços rurais foram os seguintes⁽⁵⁾:

1º. Aquele que trata da crise da reprodução das estruturas tradicionais (emigração, retrocesso demográfico). Os autores que seguiram este modelo salientavam a urbanização como transformação nos sistemas de valores locais. A crítica que pode ser feita é que aspectos como a emigração ou o retrocesso demográfico não são só sintomas da crise, mas também motores de mudança acelerada.

2º. Um segundo modelo teórico salientaria os processos seculares pelos quais as formas produtivas dominantes penetraram de vagar em as unidades produtivas familiares, comunais e cooperativas, implicando uma dialéctica de recomposição com o objectivo principal de garantir a reprodução social.

3º. Um terceiro modelo enfatizou as modificações do sistema de valores e a mitificação do moderno como motores do processo de urbanização.

Baixo a minha perspectiva, o urbano não pode ser entendido como um "locus", porém como um modelo cultural resultante do diálogo entre o global e o local, entre estilos de vida particulares. Por tanto a vila é um lugar central, um âmbito espacial interrelacionado e um grupo humano criador de cultura e com aspirações de construir uma imagem de pequena cidade, á qual contribuem tanto os valores considerados urbanos como os considerados rurais, não só como expressões identitárias ou resistências ao cambio, porém como impulsores da urbanização.

Em as vilas da Galiza o que está a acontecer é um sucesso do urbano, e em virtude de um processo de urbanismo portátil as pessoas começam a morar nas periferias das cidades, nas vilas e nas aldeias, ainda que tenham emprego ou consumam nas cidades (city users ou utentes das cidades). É dizer, os novos estilos de vida urbanos foram segregados do locus da cidade. Nas vilas da Galiza, e dentro da sua estrutura social, as suas novas elites (os comerciantes e empresários) mantêm um papel capital de impulsoras dos novos estilos de vida urbanos, mas isto não acontece sem conflitos e negociações. Há pessoas e grupos que afeiram-se simbolicamente á "tradição" ("os utentes do arado"), outros á "modernidade" ("os utentes do telemóvel"), e há outros que tentam integrar as duas vertentes criando uma nova identidade de sabor local-global ("os bravú").

Notas

⁽¹⁾ Gárate Castro, L.(1995): *"Identidad y Patrimonio. Semántica espacial de la Alameda de A Guarda"*, em Revista de Antropología Social nº 4, pp. 57-81.

⁽²⁾ Fernández de Rota, J.A.(1989) *"Mundo rural y mundo urbano en una villa gallega: Betanzos"*, em López Casero, F.(comp.): *La agrociudad mediterránea*. Madrid: Ministerio de Agricultura, pp. 359-398.

Sobre as transformações do campo espanhol e a ideia do "rururbanismo" veja-se: -García de León, M. A. (1996): *"El rururbanismo o las transformaciones del campo español"*, em Fundamentos de Antropología 4 e 5, pp. 221-229.

⁽³⁾ Os antecedentes da investigação sobre as vilas da Galiza desde a perspectiva da antropologia social podem verse no livro:

-Fernández de Rota, J.A.(coord.)(1992): *Espacio y vida en la ciudad gallega*. A Coruña: Universidade da Coruña.

Na actualidade trabalham, baixo a orientação do professor José Antonio Fernández de Rota, na investigação sobre vilas e pequenas cidades da Galiza:

-José Antonio Fernández de Rota, sobre Betanzos (em publicação).

-Enrique Couceiro, sobre Tui (tese inédita).

-Luis Gárate Castro, sobre A Guarda (tese inédita).

-Gerardo Pereiro Pérez, sobre Pallas de Rei (tese inédita).

-Manolo Rubal Saavedra, sobre Ribadeo (tese em elaboração).

-Milagros Rumbo Torres, sobre As Pontes (tese em preparação)

-María Jesús Pena Castro, sobre Noia (tese em elaboração).

-Ester López López, sobre Pontedeume (tese em elaboração).

⁽⁴⁾ Hannerz, U.(1989): *"Culture Between Center and Periphery: Toward a Macroanthropology"*, em Ethnos nº 54, pp. 200-216.

⁽⁵⁾ Pujadas, J.J.(1991): *"Presente y futuro de la antropología urbana en España"*, em AA.VV.: *Malestar y conflicto en la sociedad madrileña*. Madrid: A.M.A., p. 54 e ss.